

RADAR

favela

COVID-19



edição 01



SUMÁRIO

4 APRESENTAÇÃO

5 MEGAFONE

8 O QUE TÁ PEGANDO NAS FAVELAS?

9 MANGUINHOS
Sara Silva Moreira

11 CATIRI
Auricélia Mêrces

12 MARÉ
Frente de Mobilização da Maré

15 JACAREZINHO
Rodrigo Mendonça dos Santos

16 DEBATES

17 A FAVELA É UM LUGAR RACIAL
Padre Gegê

**19 SER MULHER, NEGRA, MORADORA DE FAVELA
E MÃE DE FILHOS NEGROS**
Darcília Alves

21 MOVIMENTOS SOCIAIS

**22 A PANDEMIA E O AVANÇO DA FOME
E DA INSEGURANÇA ALIMENTAR**

**24 O APAGAMENTO DO CEP E DA COR/RAÇA
NAS POLÍTICAS DE NOTIFICAÇÃO**

APRESENTAÇÃO

Radare COVID-19, Favelas é um informativo produzido no âmbito da Sala de Situação Covid-19 nas Favelas do Rio de Janeiro, vinculada ao **Observatório COVID-19 da Fiocruz**. Estruturado com base no monitoramento ativo (vigilância de rumores) de fontes não oficiais – mídias, redes sociais e contato direto com moradores, coletivos, movimentos sociais, instituições e articuladores locais – busca sistematizar, analisar e disseminar informações sobre a situação de saúde nos territórios selecionados, visando promover a visibilidade das diversas situações de vulnerabilidade e antecipar as iniciativas de enfrentamento da pandemia.

Os relatos são coletados por meio da constituição de uma rede de interlocutores, valorizando a produção compartilhada de conhecimento, o acesso e a participação ativa de moradores de favelas e de seus movimentos sociais.

MEMEFOS GAGANES

O conteúdo aqui publicado é composto de relatos de moradores, notas de movimentos sociais e coletivos, denúncias e reportagens sobre o contexto enfrentado por territórios de favela e periferia durante a pandemia.

FAVELAS CRIAM SEUS PRÓPRIOS PAINÉIS DE MONITORAMENTO DA PANDEMIA e contestam os dados oficiais de mortes pelo coronavírus.

SEGUNDO A NOTA TÉCNICA “UMA ANÁLISE DOS ÓBITOS OCORRIDOS NOS DOMICÍLIOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO”, assinada pela pesquisadora Nayara Lopes Gomes, doutoranda em epidemiologia pelo Instituto de Medicina social da UERJ, o número de óbitos em domicílio quase dobrou em abril e maio. A fonte dos dados é o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e a consulta foi realizada em 27/07/2020. No mês de maio foram registrados aproximadamente 18 mil óbitos de residentes do estado do Rio de Janeiro. Segundo a nota, “foi possível perceber um expressivo aumento (324%) de mortes por causas de doenças infecciosas e parasitárias, o que incluir a Covid-19”.

MORADORES RELATAM QUE HÁ 10 ANOS CONVIVEM COM UM BUEIRO DE ESGOTO DESTAMPADO

na Rua Arapá, no Morro do Adeus, no Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio de Janeiro.

COLETIVOS E ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS SE DEFRONTAM COM O AUMENTO DA FOME e realizam doações de cestas em várias favelas do Rio de Janeiro.



OPERAÇÃO POLICIAL, NA MARÉ, NO DIA 14 DE JULHO, INTERDITOU A LINHA AMARELA nos dois sentidos, na altura da favela Vila do João.

NA MARÉ SEGUE A LUTA PELO ACESSO À INTERNET. Educadores relatam um cenário de grande dificuldade, pois muitos alunos tiveram Covid-19, perderam familiares ou estão desempregados. Uma favela é uma das beneficiadas da campanha que possibilitará acesso à internet aos estudantes.

OS MOTO-TAXISTAS DA CIDADE DE DEUS ESTÃO PASSANDO POR DIFICULDADES DEVIDO À DIMINUIÇÃO DE CIRCULAÇÃO DE PESSOAS POR CAUSA DA PANDEMIA. Há mobilização para doação de cestas básicas por parte da Frente CDD, porém o acesso ao auxílio emergencial também se faz necessário.

SEGUNDO O DATA FAVELA, O FECHAMENTO DAS ESCOLAS COMO RESULTADO DA PANDEMIA IMPACTOU NO AUMENTO DOS GASTOS DOMÉSTICOS DE EM TORNO DE 87% DAS FAMÍLIAS. O principal item do aumento de despesa é com alimentação, uma vez que as escolas proveem alimento aos alunos.

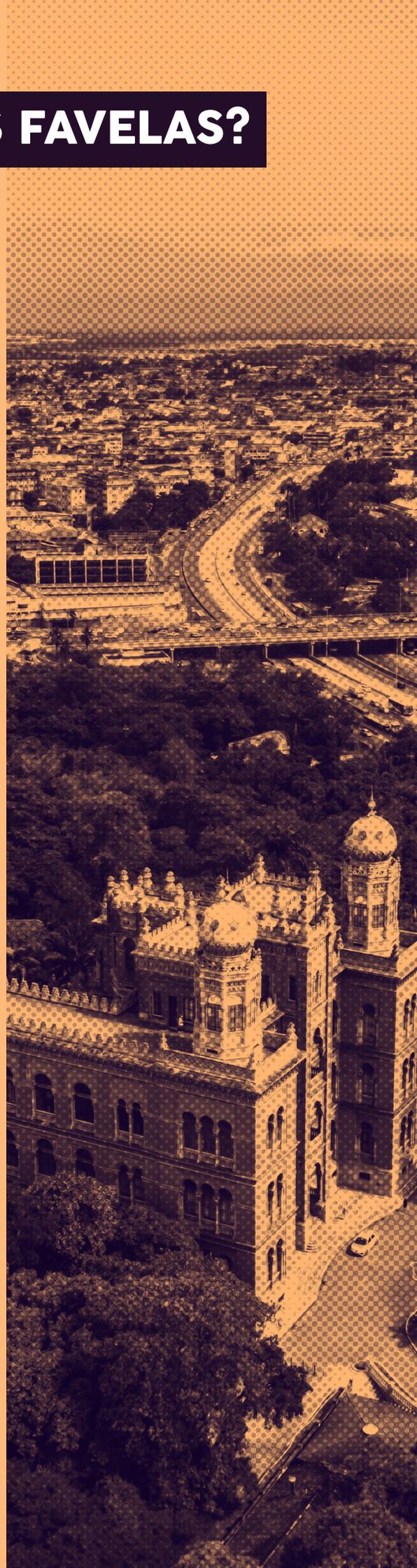


O QUE TÁ PEGANDO NAS FAVELAS?

Este espaço tem por objetivo repercutir como as favelas e seus moradores, principalmente através da dimensão coletiva e organizativa dos movimentos sociais, estão enfrentando e lidando com a pandemia Covid-19, bem como vocalizando no espaço público suas demandas e reivindicações face ao papel do Estado.

Através da compilação de notícias, de relatos de moradores, do acompanhamento e interlocução com os serviços da Estratégia de Saúde da Família e da rede de ensino público (municipal e estadual) e análises de especialistas e pesquisadores buscamos aqui fazer ecoar *O que tá pegando nas favelas?*

Essa iniciativa vincula-se ao Observatório Covid-19 Fiocruz e pretende somar-se às lutas das favelas, de seus moradores, movimentos sociais e organizações coletivas.



MANGUINHOS

Sara Silva Moreira

Moradora do Complexo de Manguinhos

Falta D'água aflige moradores das Favelas no Rio de Janeiro



Foto: Patrick Mendes / @frentemare

Desde que os órgãos oficiais e a imprensa difundiram a importância da higiene e do isolamento social para o enfrentamento do novo coronavírus, um problema latente a milhares de moradores da Cidade do Rio de Janeiro tem sido denunciado na Esfera Pública: a falta de saneamento básico.

O saneamento básico engloba um conjunto de serviços e ações em torno da distribuição de água potável, da coleta e tratamento de esgoto, da drenagem das águas em centros urbanos e na coleta dos resíduos sólidos (coleta de lixo). No Rio de Janeiro, por inúmeras razões, muitas de ordem política, o saneamento básico ainda não é realidade para parcela importante de sua população, especialmente daquelas residentes em áreas denominadas como favelas.

Na Imprensa, desde março, algumas reportagens foram veiculadas denunciando a falta d'água em regiões situadas em favelas, como, por exemplo, na Babilônia, Camarista Méier, Complexo do Alemão, Acari e Manguinhos.

O Ministério Público e Defensoria Pública chegaram a se mobilizar para instituir mecanismos de pressão sobre a Cedae (Empresa responsável pelo fornecimento de água) para que, no período de enfrentamento à pandemia, ações emergenciais fossem assumidas.

Mas o problema da falta d'água, como muitos outros, parece não ter mudado posturas do Poder Público. Desde semana passada, 4 sublocalidades do Complexo de Manguinhos sofrem com a falta d'água, colocando milhares de pessoas sem acesso a um direito humano fundamental. Isso gera diminuição da higiene pessoal, transtornos dos mais diversos, e infortúnios em ter que recorrer a “bicas coletivas” para encher vasilhames para provimento do mínimo. Idosos, gestantes, mães com filhos pequenos e pessoas com problemas físicos de locomoção sofrem ainda mais.

CATIRI

Colaboradora: Auricélia Mêrces

Associação Raízes Gericinó

Catiri é um sub-bairro de Bangu. Segundo relatos de moradores, no Catiri, o isolamento social tem sido frouxo, havendo aglomerações, baixa adesão ao uso de máscaras, presença significativa de crianças nas ruas. Há relatos de que muitos moradores não conseguiram acessar o benefício emergencial e estão passando necessidades e que tiveram muitos casos de contaminação por Covid-19 incluindo vários óbitos.

Segundo a coordenadora do Posto de Saúde, Íris, entrevistada por Auricélia, do Museu Bumba Meu Boi, a unidade não interrompeu em nenhum momento o atendimento aos grupos prioritários e aos poucos as agendas estão sendo retomadas, com horários espaçados, para não haver aglomeração. Em relação à vacinação contra influenza, houve baixa adesão. Segundo Auricélia, a maioria das pessoas da comunidade que tiveram parentes com suspeita de Covid-19 se automedicaram, não procuraram o posto de saúde e usaram ivermectina. Um ponto positivo, destacado por moradores, é a união para construir redes de solidariedade e ajuda mútua.

A automedicação contraria as orientações das autoridades de saúde que recomendam a procura dos serviços de saúde no caso de agravamento do quadro clínico dos sintomas relacionados a Covid-19.

Foto: Auricélia Mêrces



MARÉ

Frente de Mobilização da Maré

Os muros da desigualdade social se mostram cada vez mais visíveis nas favelas cariocas



Foto: Patrick Mendes / @frentemare

Favelas e periferias de todo o país têm sofrido com tamanha vulnerabilidade social que só fez aumentar neste período de pandemia do novo coronavírus (Covid-19). A Frente de Mobilização da Maré, que reúne hoje mais de 20 coletivos atuantes no Conjunto de Favelas da Maré, vem produzindo há quatro meses comunicação comunitária sobre o Covid-19, além de atender inúmeras famílias com doações de cestas básicas e kits de higiene.

A Frente é formada por voluntárias e voluntários da própria favela, e desde o início são estes moradores que têm visto de perto o número de famílias com fome, outras perdendo o emprego e sem dinheiro para o aluguel, além de tantas outras doentes e sem atendimento médico ou até mesmo morrendo dentro de suas próprias casas de Covid-19 e tantas outras doenças.

Isso significa que nós, moradores de favelas, estamos vivendo à própria sorte. Além de todos os problemas já mencionados, somos nós moradores de favelas que durante anos sofremos com a falta de abastecimento de água, saneamento, além de estarmos sofrendo com as constantes violações cometidas pelas polícias militar e civil. Só este ano inúmeras crianças negras, pobres e faveladas foram assassinadas dentro das favelas e periferias do Rio.

Nos primeiros quatro meses deste ano, mais de 600 pessoas, principalmente jovens negros, perderam a vida nas favelas devido a política do confronto militarizado de combate às drogas.

E os mesmos coletivos que estão nos seus territórios de moradia e de luta realizando trabalhos de conscientização, de entrega de cestas básicas e, também, de produtos de limpeza, para tudo não ficar pior do que já está em relação aos números de mortos e infectados por coronavírus, são os que entraram na justiça para impedir as operações policiais nas favelas. Ou seja, são inúmeras as formas de abandono e ausência de direitos que nós, população negra, pobre e favelada estamos sofrendo. Assim, como são várias as lutas cotidianas travadas pela população que habita as favelas.

Para terminar, é importante dizer que trabalhos como este da Frente de Mobilização da Maré deveriam ser feitos pelos próprios governantes. Mas, infelizmente, são eles que, no lugar de garantir e cuidar do direito à vida, estão flexibilizando tudo, estão mais preocupados com a economia nacional e internacional do que com cada cidadã e cidadão.



Foto: Patrick Mendes / @frentemare

E, num momento em que temos os governantes tirando direitos, temos certeza que é a solidariedade que irá nos manter de pé. Precisamos do apoio mútuo e, também, da luta coletiva pela cobrança ao Estado pelas garantias de direitos para todos e todas. É pela vida!

JACAREZINHO

Colaborador: Rodrigo Mendonça dos Santos

Movimento Negro Unificado

Segundo moradores do Jacarezinho, recentemente foram notificadas duas mortes por tuberculose no Jacarezinho.

A tuberculose é um importante marcador dos contextos de concentração de renda e iniquidades sociais. Sua incidência aponta para a apropriação desigual do espaço urbano, de modo que os lugares mais pobres são alijados de infraestruturas, equipamentos e serviços urbanos elementares para a preservação da vida, como acesso à água, esgoto e saneamento, coleta de lixo, condições ambientais e alimentação adequadas.

O Rio de Janeiro é um dos estados do país com maior incidência de casos de tuberculose. Segundo trabalhadores da saúde e pesquisadores, a pandemia do coronavírus impactou os serviços de saúde e o tratamento de outras doenças como, por exemplo, a tuberculose, foi afetado.

Foto: Rodrigo dos Santos



Nesse contexto, como ficam as outras doenças já existentes antes da pandemia? Como a pandemia impactou os serviços e outros tratamentos que foram interrompidos ou negligenciados? Os portadores de doenças crônicas têm tido a oportunidade a assistência médica necessária? As políticas governamentais adotadas foram capazes de conter mortes evitáveis? Ou, pelo contrário, contribuíram mais para propagar o vírus e gerar mais mortes do que para evitar?

DEBATES

RACISMO ESTRUTURAL, FAVELAS E SAÚDE MENTAL

No dia 15 de julho, quarta-feira, ocorreu uma conversa virtual, no formato de live, sobre racismo estrutural e saúde mental, a partir do olhar das favelas, organizado pela Plataforma **Cidades em Movimento: Construindo Territórios Saudáveis**, no âmbito do Programa de Promoção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis em Centros Urbanos da Cooperação Social da Fiocruz. O debate contou com a participação de Marta Oliveira, psicóloga e psicanalista que atende no Psicanálise no Jacarezinho; Darcília Alves, agente territorial (CAPS Magal), conselheira de saúde, moradora de Manguinhos; e Geraldo Natalino, mais conhecido como Padre Gegê; e mediada por Djfferson Amadeus, advogado e pesquisador da Cooperação Social da Fiocruz.

A seguir, publicamos dois trechos das falas de Padre Gegê e Darcília Alves, que abordaram questões como: a favela como lugar racial; racismo religioso; ataques às religiões afro; a saúde mental dos jovens de favelas; e os desafios de ser mulher, negra, moradora de favela e mãe de filhos negros.



“A favela é um lugar racial”

Padre Gegê



O racismo estrutural faz ver e faz compreender que a questão racial vai além das ocorrências individuais, ou seja, além da porrada da polícia, ou do (preconceito) no mercado, no shopping. Acredito que a favela é a produção geográfica do racismo, ou seja, pensar o racismo não é somente estar atento e pensando atos, mas é pensar um lugar, a própria favela representa esse apartheid racial, esse apartheid social. Então essa falta de saneamento básico, a saúde precarizada, o transporte, morada... isso tudo reverbera essa lógica racista em que uns são mais nobres, mais humanos do que outros.

O racismo religioso está ancorado na hierarquia cultural. Acredito que não haja racismo religioso sem o racismo cultural. Esse racismo cultural nos remete efetivamente à África, às Áfricas, que foram vistas e compreendidas como lugar do animal, da não razão, lugar da não vida, lugar do incivilizado, lugar de primitivo. Ora, então absolutamente tudo o que vem das Áfricas ou que nos remete às Áfricas, como o jongo, a capoeira, o candomblé, a umbanda, etc., tudo isso vai ser olhado a partir da ótica racista como algo do diabo, algo do mal, algo do primitivo. Nas favelas, inclusive, isso é um problema grande porque não se ouve mais o tambor, não se ouve mais as umbandas, os candomblés. Agora, por que isso? Que olhar é esse que diz, por exemplo, “100%

Jesus,” que “só Jesus Cristo Salva” e etc. Então o racismo, ele não mata apenas assim fisicamente, essa é a morte última. Ele mata sobretudo a cultura, ele mata o indivíduo no que ele traz de mais nobre dentro de si. Eu acredito que um dos exemplos do racismo religioso sejam os ataques às religiões afro, a não compreensão das religiões afro. Por exemplo, essa blusa que eu estou usando, essa blusa de Exu, Exu é refletido como o diabo, como o mal, como aquele que persegue, aquele que destrói. E isso é uma produção colonial. Exu é vida, é o movimento, é a dialética de toda a vida Nagô, etc. O racismo tem várias formas. E pra dialogar com a favela, a favela é um lugar racial, não apenas social, não apenas geográfico, ela é um lugar racial. Isto é, sendo branco, sendo preto, na favela você é preto. Os brancos, loiros – alguns que tiverem – podem ter algum tratamento aqui e acolá de forma diferente, mas sendo o lugar do preto ou da preta, né, esse lugar racial, ele já está per si no lugar do inumano e aí que remete às Áfricas, né, é o lugar da selvageria, é o lugar que não existe dor, não existe o adoecer.

Daí eu compreendo que esse trabalho de pensar, de refletir a saúde, é uma contra narrativa no sentido de dizer que na favela tem gente, tem vida, tem psique, tem adoecimento, tem fé, tem religiões. Então a luta antirracista é uma luta muito complicada e difícil, porque você primeiro tem que provar que é um ser humano. Olha em que ponto nós nos encontramos.

Então eu acredito que a questão religiosa, por exemplo, como eu disse, de umbanda, candomblé, capoeira e jongo, no fundo são produções que são olhadas, vistas, consideradas, como produções animais e não artefatos culturais de enorme grandeza. Isso é uma faceta do racismo.

Ser mulher, negra, moradora de favela e mãe de filhos negros

Darcília Alves

Agente territorial (CAPS Magal),
conselheira de saúde (CGI Teias Manguinhos),
integrante da Organização de Mulheres
de Atitude (OMA) e da Velha Guarda
da Escola de Samba de Manguinhos



Eu sou uma mulher negra, eu nasci dentro de uma comunidade e eu tenho mais de meio século morando dentro de uma comunidade e eu posso te dizer que eu conheço bem o racismo, o preconceito. Na pele, né. Eu acompanho tudo e fico muito preocupada. Eu tenho uma filha também, né. Minha família é negra também, temo muito pelo futuro dela, porque a gente sabe que as oportunidades são muito poucas. Conheço bem a angústia de mães de adolescentes negros. Estou com uma aqui do lado, que é mãe, sozinha, como eu criei a minha filha ela cria o dela.

E hoje ele está numa fase da adolescência onde ela não dorme porque ela tem medo. Não porque ele não tenha juízo, mas ela não confia no mundo e ela tem medo que o filho saia e numa abordagem (policial) que ele perca a vida, que ele desapareça. Então as mães de comunidade que criam filhos negros, elas sofrem essa angústia.

E a gente precisa estar muito preparada, estar muito forte, confiando muito em Deus, pedindo muito a Deus. A gente questiona muito, uma vez eu disse pra ela, ela preocupada, porque, um dia ela chegou em casa e encontrou o filho dormindo e ela disse que não gosta de

encontrar o filho do dormindo. Eu falei pra ela, “olha, enquanto você encontrar seu filho dormindo você vai estar com sua cabeça sossegada”. Eu adorava chegar na minha casa e encontrar a minha filha dormindo, porque a pior fase de um pai ou de uma mãe é quando a gente fecha a porta e nossos filhos estão na rua. Então a questão do racismo, do preconceito que a gente vive dentro de comunidade é isso, porque a gente além de conviver com o racismo, a gente vive com a presença o tempo todo do perigo, do medo, da violência que a gente vive.

O racismo dentro da favela é isso. Eu vivo também um outro problema, porque eu trabalho numa instituição de saúde mental e eu me assustei muito porque foi a primeira vez que eu vim trabalhar com pessoas com problemas psíquicos e eu fico desesperada com o número de jovens que eles atendem. Olha, adultos com mais de 60, são muito poucos, a maioria são jovens. A maioria são jovens que acabam desenvolvendo uma esquizofrenia por causa do vício, por falta de estrutura na família, por falta de condição social. Isso é desesperador porque o jovem representa o nosso futuro e, às vezes, eu fico imaginando aqui dentro do CAPS que o nosso futuro está adoecendo, por falta de apoio, por falta de condição social, por falta dos nossos governantes, né, porque a única presença do governo que a gente tem dentro das comunidades é a política de segurança e a gente precisava de muito mais do que isso.

MOVIMENTOS SOCIAIS

Muitas são as dificuldades enfrentadas pela população mais vulnerável no enfrentamento a pandemia do covid-19.

Uma delas tem sido a ausência, omissão ou insuficiência por parte do Estado em garantir políticas de proteção social e acesso aos cuidados adequados de saúde, principalmente, no tratamento dos grupos mais vulnerabilizados. Esta sessão percorre as lutas dos movimentos sociais de favela pela garantia de direitos básicos.

Se não bastasse o temor de um vírus invisível que modificou completamente nossas rotinas, mães e pais de estudantes das escolas municipais do Rio de Janeiro ainda têm que lidar com a fome e a preocupação de voltar as aulas sem um planejamento seguro para a comunidade escolar.

Outro ponto importante, levantado por movimentos sociais, ativistas e pesquisadores, e que necessita ser amplificado e debatido, é o apagamento da cor/raça e do CEP através do não preenchimento dos formulários de notificação do covid-19 e da não publicização desses dados.



A PANDEMIA E O AVANÇO DA FOME E DA INSEGURANÇA ALIMENTAR

MÃES DE ALUNOS PROTESTAM CONTRA A GESTÃO MUNICIPAL

**“Nem de covid-19,
nem de fome,
nem de bala”**



Foto: Leo Rocha / Movem-Rio

Movimentos sociais de mães de alunos e alunas da rede pública municipal do Rio de Janeiro, em grande parte moradoras de favelas e trabalhadores da educação, realizaram um protesto no dia 21 de julho de 2020 em frente ao prédio da prefeitura. A intenção era tratar de pautas como fornecimento de alimentação aos mais de 640 mil estudantes matriculados na rede municipal de ensino, cartão alimentação. Nem o prefeito Marcelo Crivella, nem a secretária de educação receberam os manifestantes, que foram atendidos apenas por um subsecretário. O acesso ao prédio da prefeitura foi bloqueado e um grupo de policiais acompanhou a manifestação.

As mães denunciam a péssima qualidade das cestas básicas que estão sendo fornecidas e relatam que os estudantes e suas famílias encontram-se passando fome. Segundo relatos de mães gravados durante o ato e divulgados nas redes sociais, o subsecretário tentou convencê-las de que as cestas eram satisfatórias, ainda que elas tenham apresentado vários vídeos e depoimentos questionando a qualidade dos alimentos, o que inclui até ovo podre. Segundo o Movem, menos de 1/4 das cestas e cartões alimentares foram entregues aos estudantes. As mães dos estudantes também se posicionaram contra a volta às aulas enquanto não houver vacina contra a Covid-19.

“Nós queremos cartão alimentação, não cesta básica. Nós é que vamos escolher o que nossos filhos vão comer, não eles”, protestou uma mãe.

Também participaram da manifestação merendeiras e trabalhadores e trabalhadoras da limpeza que foram mandadas embora pela gestão Crivella. Enquanto a prefeitura não utiliza os recursos destinados à alimentação escolar, estudantes e suas famílias convivem com privação alimentar e trabalhadores são demitidos. Segundo o grupo de mães, merendeiras, professores que participou do ato, a prefeitura não tem adotado políticas adequadas aos tempos de pandemia, deixando de zelar pelo direito à educação, pela proteção aos riscos da pandemia, e pelo direito à alimentação adequada para os estudantes e suas famílias. Segundo estimativas da ONU, com a pandemia de coronavírus e seus efeitos econômicos, o Brasil caminha para voltar ao Mapa da Fome.



Foto: Leo Rocha / Movem-Rio

O apagamento do CEP e da cor/raça nas políticas de notificação

Movimentos sociais e ativistas das favelas e do movimento negro têm denunciado o apagamento do CEP de residência das vítimas da Covid-19. O Teia de Solidariedade Zona Oeste tem analisado a desigualdade da letalidade da Covid-19 e chamado a atenção para o fato de que o CEP é um fator determinante.

O Espaço Casa Viva/RedeCCAP publicou um texto em seu site onde informa que muitas pessoas na região de Manguinhos, onde a entidade atua, estão em casa, sem alimentos, sem quem cuide, sem quem os apoie. O texto também chama a atenção para como a pandemia da Covid-19 tem acentuado as desigualdades sociais no país, onde:

“a invisibilidade é determinada pelo seu endereço, seu CEP e sua origem e cor da pele”.

Na mesma linha, a pesquisadora Cida Bento denuncia o ocultamento ou manipulação do dado cor/raça e a retirada do CEP dos formulários de notificação da Covid-19. No entendimento de Cida Bento, esse apagamento da cor/raça e do CEP “representam um esforço de encobrir uma política eugenista que não investe esforços para estancar a pandemia porque quem está sendo preferencialmente atingido são os pobres, os negros e os favelados” (Folha de São Paulo, 25/06/2000).

EXPEDIENTE

Elaboração

Cooperação Social da Fiocruz

André Lima

Fábio Araújo

José Leonídio Madureira

Mariane Martins

Ensp | Fiocruz

Roberta Gondim

EPSJV | Fiocruz

Carlos Eduardo Batistella

Colaboradores

Alexandra da Silva Gomes

Ana Clara Ferreira de Belo

Auricélia Mêrces

Bianca Borges da Silva Leandro

Darcília Alves

Fernanda Gomes Faria

Geraldo Natalino (Padre Gegê)

Gizele Martins

Jussara Rafael Angelo

Ingrid Maia Boaventura

Leo Rocha

Maria Damaris Cavazza Vianna

Patrick Mendes

Rhanna da Silva Henrique

Rodrigo Mendonça dos Santos

Sara Silva Moreira

Thalita Magdalena dos Santos

Movimentos Sociais e coletivos

Associação Raízes Gericinó

Espaço Casa Viva - RedeCCAP

Frente de Mobilização da Maré

Movimento de Mães, Pais e Responsáveis
pela Escola Pública Municipal Carioca - Movem-Rio

Movimento Negro Unificado - MNU

Organização Mulheres de Atitude - OMA

Revisão

Fábio Araújo

Luíza Gomes

Roberta Gondim

Projeto Gráfico

Mariane Martins

